

## DILEMAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SURDOS NO SUDOESTE GOIANO: NARRATIVAS DE PROFESSORES DE QUÍMICA E INTÉRPRETES DE LIBRAS.

Walquíria Dutra de Oliveira (PG)\*; Anna M. Canavarro Benite (PQ). [anna@quimica.ufg.br](mailto:anna@quimica.ufg.br)

Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão, LPEQI, IQ – Universidade Federal de Goiás.

**Palavras Chave:** Educação de surdos, Ensino de Química, Diários de aula.

### Introdução

Na escola, o contato dos alunos surdos com a Língua de Sinais (LIBRAS - sua Língua de acesso à Linguagem), dependerá de pessoas fluentes nesta língua, e na maioria dos casos da presença de um intérprete de Libras para intermediar estas relações dialógicas entre professor e aluno<sup>1</sup>.

Sendo assim, apresentamos aqui narrativas de uma professora de química (Pq) e uma intérprete de LIBRAS atuantes na rede estadual de ensino do município de Jataí – Goiás, demonstrando seus dilemas no que tange a educação de surdos.

Este trabalho possui elementos de uma pesquisa participante, tendo como instrumento de coleta de dados os “Diários de aula” que “são documentos em que professoras e professores anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas”<sup>2</sup>.

No diário os sujeitos podem expor, explicar, interpretar sua ação diária na aula e fora dela permitindo uma reflexão de caráter histórico e contínuo de narração, se justificando também como instrumento de formação, pois, através deste instrumento metodológico os sujeitos se tornam mais conscientes de seus atos.

### Resultados e Discussão

O recorte aqui apresentado é constituído pela narrativa de seis aulas ocorridas entre os dias 27/09 a 18/10/2010 em uma turma de nono ano do ensino fundamental com alunos DAs.

Com a entrada do aluno surdo no ambiente de ensino dito regular, surge um novo sujeito imprescindível para sua educação, o intérprete de libras. Assim, essa nova configuração do espaço escolar certamente demandará ajustes do papel do Intérprete de Língua de Sinais, do professor e do aluno<sup>3</sup>.

Neste sentido a Pq narra sua principal dificuldade:

**Pq:** “Raramente eu converso com eles (são 2), devido não ter conhecimento de libras.”

Esta dificuldade encontrada por Pq é bem comum e já foi detectada por vários pesquisadores<sup>3,1,4</sup>.

Entretanto, o que vale ressaltar é que mesmo depois de passados dez anos da educação inclusiva no estado de Goiás é preocupante que os professores não tenham uma mínima formação em libras para estabelecer um diálogo com o aluno surdo. A professora ainda continua a narrar sobre seus dilemas:

**Pq:** “Confesso ter bastante dificuldade para entendê-los, quando estou explicando a professora de apoio passa para eles todo o conteúdo.”

A intérprete comenta sobre suas dificuldades e diz que a cada aula é necessário ensinar novos sinais aos alunos surdos. Comenta também que nem sempre o tempo da aula é suficiente para a atividade de interpretação dos conteúdos e que algumas atividades podem ser difíceis para os alunos surdos. Além disso, a Intérprete também relata que existe:

**IL:** “conteúdos de química são de difícil interpretação, pois os termos científicos não tem sinais que os represente.”

Compreendemos que o processo de ensino do conhecimento científico é um processo de enculturação, definido como *ser apresentado a uma nova cultura* por um membro mais experiente desta<sup>5</sup>.

Sendo assim, o intérprete sem formação na área de química tem pouca ou nenhuma propriedade para apresentar a cultura científica ao aluno surdo, por isso a necessidade de um trabalho conjunto entre o professor de química e o intérprete de libras.

**IL:** “a convivência com os alunos surdos nos leva a compreender cada vez mais a maneira que eles processam os fatos, as coisas e isso nos ajuda a encontrar caminhos para conduzir a interpretação.”

Esta convivência com o aluno surdo deveria ser entendida também ao professor, para que ele possa conhecer e compreender melhor as formas de aprender do aluno surdo. E, em conjunto com o intérprete executar um trabalho de preparação de suas aulas no sentido de contemplar todas as diferenças.

### Conclusões

Entendemos que é imprescindível a atuação conjunta entre professores de química e intérpretes de libras para que todos os dilemas encontrados possam ser minimizados. Após a integração dos alunos surdos no ensino regular, o desafio agora é em realmente **incluir** estes e outros alunos com necessidades educacionais especiais. Urge a necessidade de capacitar os professores, intérpretes e demais profissionais para o atendimento da diversidade.

### Agradecimentos

A FAPEG e, ao CNPq.

Oliveira, Walquíria Dutra de. et. al. **Inclusão de deficientes auditivos no ensino regular: dilemas de professores de biologia/ciências e intérpretes de libras.** Revista SBEnBio: temas polêmicos e o Ensino de Biologia. Nº3, outubro de 2010. ISSN: 1982 – 1967.

<sup>2</sup> ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional.** Porto Alegre: Artmed, 2004.160

<sup>3</sup> LACERDA, Cristina B. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental.** Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

<sup>4</sup> KELMAN, Celeste Azulay. **Os diferentes papéis do professor intérprete.** Espaço: informativo técnico-científico do INES. nº 24 (julho-dezembro 2005) - Rio de Janeiro: INES, 2005.

<sup>5</sup> DRIVER, Rosalind. **Construindo Conhecimento Científico na sala de aula.** Revista Química Nova na Escola. Nº 9, MAIO 1999.